

## “COM OLHO FRIO A GENTE VÊ ASSOMBRAÇÃO E COM OLHO QUENTE SÓ O QUE NOS ASSOMBRA”

Vânia Lúcia Menezes Torga (DLA/UESC)

*“A infância que já não existe presentemente,  
existe no passado que já não “é.”  
(Santo Agostinho, in OVMA)*

Neste artigo apresento um relato parcial das investigações que tenho desenvolvido acerca das relações entre leitura, memória e alusão. A pesquisa tem como *corpus* a obra de Bartolomeu Campos Queirós – *“O olho de vidro do meu avô”*. Para isso investigo a metáfora do olho de vidro como alusão ao papel da memória no processo de constituição do leitor, a partir das estratégias textuais utilizadas pelo autor, na instância da produção e pelo leitor na instância da recepção. *O Olho de vidro do meu avô* é construído metafórica e poeticamente com a memória, enquanto uma unidade de texto que se encontra “não no autor, mas no puro ato de lembrar”: sem limites - chave para tudo o que veio antes ou depois, mas, como a memória, é refacção do vivido que foi esquecido para ser lembrado, a unidade do texto refeita pelo rememorar sujeita-se à variedade de que se compõe. É a refacção, com os dois olhos, um de vidro e o outro não, de imagens, das experiências do passado: imagens da família, das brincadeiras, das faltas, dos silêncios que, fragmentárias, vão possibilitando ao leitor-modelo e ao autor-modelo a tessitura do mosaico, em construção, de Bartolomeu Campos Queirós.

### 2- Alusão, memória e leitura

*O olho de vidro do meu avô* é construído poeticamente com a memória, enquanto uma unidade de texto que se encontra “não no autor, mas no puro ato de lembrar”: sem limites - chave para tudo o que veio antes ou depois, mas, como a memória, é refacção do vivido que foi esquecido para ser lembrado, a unidade do texto refeita pelo rememorar se sujeita à variedade de que se compõe. É a refacção, com imagens, das experiências do passado: imagens da família, das brincadeiras, das faltas, dos silêncios que, fragmentárias, vão possibilitando ao leitor-modelo e ao autor-modelo a tessitura do mosaico, em construção, de Bartolomeu Campos Queirós.

Os conceitos da memória se fazem necessários, pois consideramos que ela se constitui uma das partes na construção de uma teoria de leitura com a alusão, uma estratégia textual que forma o mosaico da leitura de *O olho de vidro de meu avô*.

Assim, de início, temos o conceito da memória que remete às funções psíquicas com as quais o homem atualiza impressões, informações passadas ou as representa como passadas. Quaisquer que sejam as concepções de memória, em sua maioria, elas têm em comum que os seus fenômenos são resultado de uma organização dos sistemas e que é por esta organização que ela se mantém ou os reconstitui. Estas concepções não consideram o tempo da lembrança, o presente, como refacção do passado, a memória é tomada como mera reprodução do lembrado, não exerceria uma ação no passado.

Segundo Goff (1992), nas sociedades sem escrita, cabia aos homens-memória ou aos membros mais velhos das comunidades serem os guardiões da história. A memória coletiva se organizava em torno de três grandes interesses: o mito, o prestígio das famílias dominantes (genealogia) e o saber profissional ligado à magia religiosa. Se aos homens memória eram concedidos privilégios com o exercício da memória e os outros eram dela destituídos, pergunta-se: só aqueles teriam acesso à categoria da memória? Aos outros, não lhes era concedido o direito e o poder de lembrar?

Para ele, a prática mnemônica ligada ao aparecimento da escrita dá origem a dois tipos de memória: a comemoração (representar em monumentos) e celebração de um acontecimento memorável, através de documentos escritos que permitem, de um lado, o armazenamento de informações, oferecendo um processo de marcação e memorização e o registro; e de outro lado, a passagem do oral para o visual que permite que sejam reexaminadas, reordenadas, retificadas frases e/ou palavras isoladas.

Goody, citado por Goff (1992), afirma que a memorização pela escrita revela, não apenas uma nova organização do saber, mas também uma organização de um poder novo.

Tanto atualizar, como registrar em listas, dicionários, demonstra o caráter de reprodução imprimido ao ato mnemônico. Entenda-se que aqui a reprodução se dá pela subversão, traição. Segundo Sousa (1984) “no ato de escrever renasce um corpo na escrita que, embora assumindo a forma de um corpo embalsamado, contém a marca ambivalente de morte e vida, de festa e luto.”

Entre os gregos arcaicos, a memória era uma deusa- Mnemosyne – a mãe das nove musas e que deu aos poetas o poder da memória: “na poética grega poesia era sinônimo de inscrição viva na memória como num mármore. ” (GOFF, 1992)

Na Idade Média, tínhamos a memória pelo canto (canções de gesta): os jograis e os trovadores. Para Santo Tomás de Aquino, a memória estaria ligada ao corpo, à razão e à meditação sobre o que se deseja lembrar. A memória ligada ao corpo permitia criar simulacros, imagens que possibilitariam o recordar - os símbolos corpóreos são mais fortes que os guardados na alma apenas. A memória é razão, pois ao ordenar o que se quiser recordar, partindo-se de um ponto recordado se estabelece uma ligação com o que se sucederá. A memória ligada ao hábito da meditação preserva aquela.

No Catolicismo, para não citar outras religiões, dada a brevidade e ao objetivo a que nos propusemos, que é construir o autor-modelo e o leitor-modelo pela alusão em *O olho de vidro do meu avô*, a Bíblia faz inúmeras referências à memória. Para Pedro, por exemplo, o canto do galo era mnemônico. Lembrando J. C. de Mello Neto, em “*Tecendo a manhã*”, em que o canto de um galo chama outro canto; um canto que se assemelha a outro canto.

Para Benjamin , segundo Goff (1992) o monumento é celebrativo e feito para durar e o documento se constitui de fragmentos que têm seu sentido dado por nós ao reconstruirmos o passado. Isto pode ser registrado, por exemplo, com o advento dos dicionários e enciclopédias, museus e a fotografia.

O livro – outro suporte para a memória - , multiplica as experiências do outro. Lembrando que o lembrar é social, mas é também individual porque fica o que significa. Nossas lembranças são sociais, mas ao serem significadas por nós passam a ser nossa história. “A memória é uma faca de dois gumes. Ela guarda fatos que me alegra em recordar, mas também outros que desejaria esquecer, para sempre. A memória é como cobra: morde e sopra. (OVMA, p. 17)” “Meu avô não deixou herança a não ser sua história” (OVMA, p. 46).

A alusão lida com lembranças e, também, com o esquecimento de que é parte, então o esquecimento é categoria viva sendo assim, uma contraposição à concepção agostiniana de esquecimento como algo dado, acabado, sepultado.

O vivido pela imagem enquanto representação remete ao caráter de signo que a memória tem, e como tal, é pela linguagem que ela se constrói, num movimento do já-sido em direção ao que ainda não é em sendo, ou seja, um passado que pelo presente indicia o futuro.

Esse movimento – já-sido em direção ao que ainda-não é em-sendo – passado que pelo presente indicia o futuro, caracteriza a dinamicidade do real que embora linear é constituído de fragmentos, rupturas, partes, faltas, silêncios porque neste real está o sujeito rememorador. É uma relação de complementaridade, mas contraditória em que para lembrar é necessário o esquecimento. Este se constitui numa transgressão ao ser evocado pela escritura, porque nos fatos evocados, o individual se sobrepõe ao social. Apreensão e compreensão dos fatos evocados que fazem com que ao recordador fique o que significa.

## 2. Memória, metáfora e litera(lei)tura

*O olho de vidro do meu avô*, com as memórias do menino narrador, se utiliza da metáfora do olho de vidro para rememorar sua infância e também nos permite pensar o fazer literário.

O pensamento vê o mundo melhor que os olhos, eu tentava justificar. O pensamento atravessa as casas e alcança o miolo das coisas. Os olhos só acariciam as superfícies. Quem toca o bem dentro de nós é a imaginação. Meu avô imaginava sempre, eu acreditava. Vencia as horas lerdas deixando o mundo invadi-lo por inteiro. Ele hospedava essa visita sem espanto. Saboreava o mundo com antiga fome. O que seu olho de vidro não via, ele fantasiava. E inventava bonito, pois eram da cor do mar os seus olhos. E todo mar é belo por se grande demais. Tudo cabe dentro de sua imensidão: viagens, sonhos, partidas, chegada, mergulhos , afogamentos. Há que se contar o desassossego que as águas nos provocam. (OVMA, p. 5-6)

Neste fragmento a metáfora da memória no fazer literário. Se a literatura tem o poder de ativar o imaginário, em sua obra, Bartolomeu com o uso das metáforas, leva o leitor à instabilidade do significado à representação como forma de estruturar o pensar, o perceber o mundo a vida: “ Há que se contar o desassossego que as águas nos provocam.” (OVMA, p. 6)

Assim a literatura age sobre o leitor: desloca, desconstrói, desassossega.

Em: “se alguém nos olha nos multiplica. Passamos a ser dois. Somos duas meninas dos olhos.” (OVMA, p.6).

Aqui o fragmento nos remete ao princípio bakhtiniano da interação: “ toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra (ou o olhar em Bartolomeu) é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim num extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor.” (BAKHTIN, 1997, p. 113)

O efeito da leitura literária nos multiplica, de um “velho” para um “novo” homem, nos desloca, encanta, aguça a imaginação, rompe a mesmice, conforme expresso no fragmento acima e abaixo:

O pensamento vê o mundo melhor que os olhos, eu tentava justificar. O pensamento atravessa as cascas alcança o miolo das coisas. Os olhos só acariciam as superfícies. Quem toca o bem dentro de nós é a imaginação. (OVMA, p. 5)

Eu gosto da crença. Ter crença é ser mais brando, é poder mudar, trocar de lado, ser um dia sim e outro não. É não ser certo nem dar certeza. E a crença do outro pode encantar você, lhe deixando apaixonado. Na paixão mudamos de lugar. Na paixão você é feliz por cumprir a crença do outro. A crença escuta. Quem possui a verdade, apenas fala. Meu avô devia viver em dúvida. “Não sabia, ao certo, o que seu olhar alcançava.” (OVMA, p. 10)

Para Aristóteles, citado por Ramos (1974) “bem saber descobrir metáforas, significa se aperceber das semelhanças”. Já Gagnebin (1997) indica que a ação metafórica é uma relação entre dois elementos da linguagem, ou seja, a possibilidade de transportar para uma coisa o nome da outra coisa. É, também, a possibilidade que a linguagem oferece de se descobrir semelhanças insuspeitas, efêmeras ou duradouras. A metáfora, pela condensação, atua na linha da reprodução da relação todo/parte, a parte se identificaria com o todo. A reprodução não anularia a contradição. Mascararia a divisão e como tal se sujeita à ação da contradição.

A metáfora seria uma estratégia que determina, no presente, o sentido do passado na visão benjaminiana. Segundo ela, “em outras palavras, as semelhanças não existem em si, imutáveis e eternas, mas são descobertas e inventariadas pelo conhecimento humano de maneira diferente, de acordo com as épocas.”

Na metáfora, a parte é produzida para ser equivalente ao todo, de forma que a relação todo/parte, ou parte/todo possa ser vista pretensamente na condensação do todo, mas contraditoriamente, a parte jamais suprime a diferença entre as partes que concorrem ao lugar do todo (abriga a heterogeneidade, a diferença). A metáfora, pela condensação, atua na linha da reprodução da relação todo/parte, a parte se identificaria com o todo, mas a reprodução não anula a contradição, mascararia a divisão e como tal sujeita a ação da contradição: a diferença, por se insinuar o esforço discursivo e a ambigüidade, movimenta o jogo do sentido. Se na metáfora há o esforço da condensação da parte em todo, isso fica carregado de ambigüidade: a parte, no todo, abre espaços que se fundiriam no todo, abrindo espaços para a fusão de outras partes.

Com o olho direito meu avô via o sol, a luz, o futuro, o meio-dia. Com o olho esquerdo ele via a lua, o escuro, o passado, meia-noite. Um dia me falaram que a alma tem dois olhos. Com um, ela olha para o tempo, com o outro, ela namora a eternidade. Um olho é do amor e o outro é do desamor. (...) Ninguém esgota o mundo com o olhar, mesmo possuindo dois olhos sem vidro. Mas a gente ,com dois olhos, sempre olha e não acredita no que vê.(OVMA. p. 8)

### 3. Silêncio – a não-palavra que significa e a alusão

*“O silêncio é assim a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.” (ORLANDI, 1995)*

Orlandi (1995), em seu livro “*As formas do silêncio – o movimento dos sentidos*”, afirma que a linguagem surgiu na história do homem para reter o silêncio. Para ela, no capítulo dois da obra citada, pensar o silêncio supõe, de um lado, romper com uma concepção de silêncio como “um esforço contra a hegemonia do formalismo,” pois este considera apenas o lingüístico como preenchimento, como portador de sentido e que não há lugar, portando, para o silêncio no discurso e “ contra o positivismo na explicação dos fatos” porque silêncio está nas pistas, acrescentamos, na alusão e não nas marcas lingüísticas, no observável.

De outro lado, pensar o silêncio é “problematizar as noções de linearidade, literalidade, completude” e, acrescentamos, de movimento.

Se o silêncio é múltiplo, vem e vai de/para muitas direções, apreendê-lo é saber que ele não está em lugar nenhum, não é origem, mas está nas relações entre os discursos.

A concepção de multiplicidade do silêncio relaciona-se, no nosso entender também, à de incompletude e de movimento. O que é incompleto abre espaço para a polissemia, para a dialogia, para a relação com o outro, formando, pelo interdiscurso e pela intertextualidade, o mosaico de *O olho de vidro do meu avô*. No discurso o silêncio é lugar da significação. O sentido se faz presente no silêncio, visto também como uma metáfora que pelo jogo alusivo nos permite pensar o tudo presente na ausência da expressão verbal.

O menino narrador de *O olho de vidro do meu avô* diz que “no silêncio cabe tudo”:

Ele se recostava na cadeira de balanço e se embalava de mansinho como se o mundo morasse em seu colo. Balançava leve para não acordar o silêncio. Guardava uma secreta ternura pelo silêncio. Com ele aprendi que no silêncio cabe tudo. O silêncio decifra todos os labirintos. Não existe um só ruído que o silêncio não escute. (i.ib. p. 10)

Assim, se no silêncio cabe tudo, ao contrário do que se pensa, ele não é o lugar da falta, mas do sentido, da significação - ‘aquilo que é mais importante nunca se diz’, porque “aludir é melhor que nomear”. O silêncio é, também, o espaço, em que o “um” se relaciona contraditoriamente com o outro.

O silêncio é

O silêncio é assim a “respiração” ( o fôlego) da significação;um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. ORLANDI (1995, p.13)

Com a alusão, o silêncio constitui o processo não-lingüístico da produção verbal e não-verbal do sentido. Lugar para produção dos sentidos, tem, pois, com a alusão, estratégia de leitura/escrita, a estratégia que “silenciosamente” o instaura no fio do discurso, permitindo-nos apreendê-lo.

Finalizando retomo palavras de Bartolomeu ao afirmar que “minha memória é mais da falta do que do realizado. Minha memória é de lembrança de faltas sucessivas”. E o preenchimento o e não preenchimento destas faltas se dá com as alusões e metáforas com que ele poeticamente constrói seu texto:

Meu avô não deixou herança. Sobraram os ternos de linho engomados no guarda-roupa, a mala com as pílulas, a cadeira de balanço embalando todo o silêncio de mundo. Mas para mim, depois de passar de mão em mão, restou seu olho de vidro, agora sobre minha mesa, dormindo num pires. E sempre que passo diante dele repito: olho de vidro não chora. Olho de vidro brilha por não ver. Nunca vou saber o que o olho de vidro do meu avô não viu (OVMA. p. 46).

O livro – um dos suportes para a memória, multiplica as experiências do outro. Lembrando que o lembrar é social, mas é também individual porque fica o que significa. Nossas lembranças são sociais, mas ao serem significadas por nós passam a ser nossa história. A alusão, mediadora da leitura e memória, lida com lembranças e, também, com o esquecimento de que é parte. Então, o esquecimento é categoria viva, sendo assim, uma contraposição à concepção agostiniana de esquecimento como algo dado, acabado, sepultado. O vivido pela imagem enquanto representação remete ao caráter de signo que a memória tem, e como tal, é pela linguagem que ela se constrói, num movimento do já-sido em direção ao que ainda não é em sendo, ou seja, um passado que pelo presente indicia o futuro: “a memória é uma faca de dois gumes. Ela guarda fatos que me alegram recordar, mas também outros que desejaria esquecer, para sempre. A memória é como cobra: morde e sopra.” Já a metáfora seria uma estratégia que determina, no presente, o sentido do passado na visão benjaminiana. Segundo Gagnebin (1997) “em outras palavras, as semelhanças não existem em si, imutáveis e eternas, mas são descobertas e inventariadas pelo conhecimento humano de maneira diferente, de acordo com as épocas.” Na metáfora, a parte é produzida para ser equivalente ao todo, de forma que a relação todo/parte, ou parte/todo possa ser vista pretensamente na condensação do todo, mas contraditoriamente, a parte jamais suprime a diferença entre as partes que concorrem ao lugar do todo (abriga a heterogeneidade, a diferença). A metáfora, pela condensação, atua na linha da reprodução da relação todo/parte, a parte se identificaria com o todo, mas a reprodução não anula a contradição, mascararia a divisão e como tal sujeita a ação da contradição: a diferença, por se insinuar o esforço discursivo e a ambigüidade, movimenta o jogo do sentido. Se na metáfora há o esforço da condensação da parte em todo, isso fica carregado de ambigüidade: a parte, no todo, abre espaços que se fundiriam no todo, abrindo espaços para a fusão de outras partes. A alusão, pela metáfora e memória, torna o indizível, dizível.

## Referências Bibliográficas

- ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Trad. Nunes, J. H. Campinas: Pontes, 1999.
- AQUIEN, Michele et MOLLINIÉ. *Dictionnaire de rhétorique et de poétique*. Librairie Générale Française. 1996. p.50-51; 243.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Pereira Maria E. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 25-107; 327-359; 399-414.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* Trad. Lauhd, Michel e Vieira, Yara Frateschi. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- \_\_\_\_\_. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de Literatura e de Estética – a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. p.13-57.
- BENJAMIN, W. et al. *Textos escolhidos*; traduções de Grünnewald, José Lino. et al. São Paulo: Abril cultural, 1980. (Os pensadores). p.57-95.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política – obras escolhidas*. A imagem de Proust. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.p. 36-49; 165-232.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. T. Queiroz, 1979.
- GAGNEBIN, J. Marie. *Sete aulas sobre linguagem - memória e história*. São Paulo: Imago, 1997.
- GOFF, Jacques L. *História e Memória*. Trad. Ferreira, Ivone, et al. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1994. p.167-203; 423-485.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *O olho de vidro do meu avô*. São Paulo: Editora Moderna, 2008.
- TORGA, Vânia L. M. *O movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual de leitura do livro “ Ler, escrever e fazer conta de cabeça”, de Bartolomeu Campos Queirós*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. (Dissertação: Mestrado em Estudos Lingüísticos. Inédito).